



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

Um trem chamado jornal: o fascínio pela velocidade posto em marcha¹

SANTOS, Jeana (Doutora)²
Universidade Federal de Santa Catarina/SC

Resumo: Este trabalho pretende buscar nos nossos jornalistas pioneiros que escreviam suas crônicas na virada do século XIX para o XX indícios do fascínio pelo movimento, que se traduziria tanto na tematização dos veículos de transportes (trens, bondes, automóveis) quanto na tematização do veículo que abandonaria a casa da palavra do livro para percorrer, ágil e leve, as ruas: o jornal. Procura também atualizar esse encantamento primeiro, mostrando que o desejo pela pressa, subscrito na escritura daquele tempo, atingiria seu ápice hoje, com a atual narrativa das redes e do jornalismo online, sintomas eloquentes de um mundo que gira cada vez mais veloz, afetando não só a prática profissional do jornalista, mas também sua saúde física e mental, num processo que se move mais aceleradamente nos trilhos da história.

Palavras-chave: história do jornalismo; narrativa urbana; teoria literária

Considerações iniciais

Atualmente, em tempos de informação online, a associação entre o jornalismo e a velocidade nunca esteve tão em voga. A tal ponto que a própria velocidade é consumida como um valor jornalístico. Ou seja, a informação só é considerada boa se for obtida e transmitida rapidamente para atender a uma demanda de receptores sequiosos por consumir o tempo, não importa o que nele venha atrelado. Ou como diz Moretzsohn (2002, p. 120), que considera essa noção de urgência como o grande fetiche da (pós) modernidade, “‘chegar na frente’ torna-se mais importante do que ‘dizer a verdade’”.

Embora em tempos globalizados tal fetiche esteja mais em evidência do que nunca, não é atual. A própria autora lembra que foi sempre em torno da ideia de dinamismo, instantaneidade, atualidade que a atividade jornalística foi construída: “Meninos jornaleiros saem às ruas apregoando edições extras, efeitos sonoros vibrantes

1 Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Impressa, integrante do 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul 2014.

2 Jornalista pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre e Doutora em Teoria Literária, ambos pela UFSC. Pós-doutora em Antropologia Social também pela UFSC. Autora dos livros “A estética da melancolia em Clarice Lispector” (Edufsc) e “O colecionador de histórias miúdas: Machado de Assis e o jornal” (Insular) e de artigos científicos para as revistas acadêmicas *Estudos em Jornalismo*, *Mídia e Travessia*, *Alceu*, *Ilha*, entre outras. Atualmente é bolsista Capes PNPd, desenvolvendo estudos de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. E-mail: jeanasantos@terra.com.br



despertam o ouvinte para notícias curtas e rápidas, vinhetas alertam o espectador para o bombardeio de imagens. Notícias de última hora: tudo é urgência” (MORETZSOHN, 2002, p. 46).

No contexto brasileiro, houve um instante pioneiro em que esta urgência uniu-se ao mito do progresso e ambos foram adotados como um signo indelével do exercício do jornalismo diário. Trata-se da passagem do século XIX para o XX, quando alguns escritores que embarcaram nas folhas volantes do jornal experimentaram seu aspecto ágil, por vezes enaltecendo tal característica, outras vezes a demonizando, mas nunca lhes ficando indiferentes. Falamos aqui de um tempo em que a imagem do escritor sentado e contemplativo dentro das paredes da casa burguesa ou do gabinete cede lugar ao homem que cruza a cidade a pé ou de bonde para documentá-la no que tinha de importante ou anódino. E que, ao fazê-lo, imprime movimento no olhar e nos passos, perfazendo uma nova retórica que encontraria eco em um outro veículo de expressão que também passeia pela rua: o jornal.

E se a caminhada e o bonde imprimem velocidade ao olhar haveria de se criar uma narrativa que pudesse dar conta desse rápido relance dos olhos, que pudesse também ser lida em movimento, em praça pública, nos cafés, onde um homem não se detém por tanto tempo e onde o imperativo é flunar, vagar. A crônica seria a depositária dessa experiência de mobilidade, de fragmentação da visão, de recorte, de distração e só poderia ser possível no veículo móvel do jornal. Como escrevera Machado de Assis em “O jornal e o livro” (1859), “já disse que a humanidade, em busca de uma forma mais conforme aos seus instintos, descobriu o jornal” (ASSIS *apud* COUTINHO, 1959, p. 360).

Neste trabalho pretendemos, então, investigar como o fascínio pelo movimento, tão alardeado hoje como o supra-suma da modernidade tardia, já estava presente na prática e no discurso dos nossos jornalistas pioneiros. E na própria técnica do jornal, esse “trem expresso”, nos dizeres de Machado, que viria colocar em marcha a narrativa, até então subscrita na imobilidade da casa da palavra livresca. Afinal, a prática de hoje já estava contida na ideologia de ontem. E procurar desenterrar o passado submerso nas camadas do presente é agir conforme o historiador “materialista” que, segundo Benjamin, seria o único capaz de explodir o *continuum* da história para carregar o passado de “agoras”, porque leva em conta os sofrimentos da humanidade e reconhece



uma oportunidade revolucionária de lutar contra um passado oprimido. “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1994a, p. 224-225).

E se o jornal impresso em tempos virtuais está em perigo, houve um instante em que ele, tal qual a urgência das redes sociais e do jornalismo instantâneo, também catalisava o desejo pelo movimento, a experiência de aceleração do tempo subscrita no imaginário dos cidadãos. Como diz Benjamin (1994b, p. 239), “se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho”.

Voltemos ao velho jornal, amarelado pelo tempo, e dele derivemos no terreno antigo o lugar do novo. Afinal, através da experiência que os nossos cronistas tiveram no veículo na virada do século XIX para o XX, todo o testemunho da passagem para a modernidade, subscrita, sobretudo, na experiência da velocidade.

Experiência essa que, em tempos virtuais, acirra-se e produz modificações drásticas nos ritmos das redações e das jornadas laborais, afetando de várias maneiras aquele que, em um dado momento da história, saudou a pressa como propulsora do progresso e da melhoria das condições de vida: o jornalista.

O público tem pressa

A experiência do movimento contaminou a escritura da virada do século XIX para o XX no Brasil e estaria presente em vários suportes técnicos do período: nos transportes públicos cada vez mais velozes, no acontecimento humano sintetizado num *flash* fotográfico e depois tornado movimento pela técnica cinematográfica etc. E também no jornal, que se converteria no veículo adequado para o transporte desse afã por velocidade, subscrito numa linguagem que tinha cada vez mais pressa, tal qual os transeuntes da cidade moderna.³

Desde la prensa periódica de finales del siglo XVI y principios del XVII hasta las diversas telegrafías del XVIII y del XIX, la reducción

³ Entretanto, como lembra MORETZSOHN (2002, p. 140), embora o jornal esteja submetido à “lógica da velocidade”, é incapaz de segui-la, porque o “tempo real” que almeja é sempre o tempo de ontem.



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

de los plazos y la velocidad de transmisión aumentan constantemente hasta llegar, con la electricidad, a la práctica simultaneidad. Cuando la fotografía se hace instantánea, los mensajes y las palabras se reducen a unos cuantos signos (ROMANO, 1998, p. 396).

A eletrificação promoveria não só um aumento de velocidade nas tecnologias, mas se faria sentir também nos rituais sociais. O fascínio pelo movimento, posto em marcha pela técnica como metáfora do progresso, é adotada e internalizada pelo espírito e pela psique dos cidadãos. A aceleração da vida, a pressa cotidiana já era latente na transformação dos veículos de locomoção, como os bondes, que de puxados por burros passaram a ser de tração elétrica. Não é à toa que esse transporte público tenha incitado tanto a imaginação dos cronistas da época. E não é à toa também que Bilac, em crônica de 1903, com o pretexto de falar sobre o 35º aniversário do bonde, tenha rendido-lhe uma enfática apologia, aproximando a experiência de fragmentação do olhar do passageiro à experiência do espectador do cinema:

O teu suave deslizar embala a imaginação! o teu repouso sugere idéias; a tua passagem por várias ruas, por vários aspectos da cidade e da Vida – aqui ladeando o mar, ali passando por um hospital, mais adiante beirando um jardim, além atravessando uma rua triste e percorrendo bairros fidalgos e bairros miseráveis, e cruzando aglomerações de povo alegre ou melancólico –, vai dando à alma do sonhador impressões sempre novas, sempre móveis, como as vistas de um cinematógrafo gigantesco (BILAC *apud* DIMAS, 1996, p. 318).

Os cortes panorâmicos da cidade, as várias tomadas de cena, o movimento acelerado do olhar, tudo isso aproxima ambos, cinema e bonde, da crônica, a escritura dos novos tempos. Afinal, nela, as impressões do escritor movimentam-se também por linhas que captam o urbano e se interrompem, tal qual nova estação, para colherem outros tipos, outras notícias, outras cenas urbanas. Tal qual bonde, que anda num “verdadeiro leva-e-traz” (como disse Machado de Assis a respeito do veículo público em texto de 1877), a crônica se movimenta em cortes, em fragmentos que se

interrompem e se retomam diariamente, aproveitando o ir e vir das fontes noticiosas, cujo burburinho é mais intenso na agitação do transporte coletivo.⁴

Essa aceleração na linguagem promovida pela crônica como metáfora do bonde comprova que o novo ritmo da vida cotidiana teria diminuído o tempo livre necessário para a contemplação literária: “A diminuição do tempo, a concorrência do jornal diário, do livro didático, da revista mundana e dos manuais científicos, de par com as novas formas tecnológicas de lazer, o cinematógrafo, o gramofone e a fotografia, estreitaram ao extremo o papel da literatura” (SEVCENKO, 1983, p. 97).

De fato, Machado de Assis veria na fotografia, na invenção do telégrafo, do telefone e do motor de explosão indícios da “pressa” do final do século. Em crônica de 1864 rememora a chegada da primeira máquina fotográfica no Brasil (1840), pelas mãos de um padre francês:

Há 24 anos, em janeiro de 1840, chegou ao nosso porto uma corveta francesa, ‘L’Orientale’, trazendo a bordo um padre de nome Combes. Este padre trazia consigo uma máquina fotográfica. Era a primeira que aparecia na nossa terra. O padre foi à hospedaria Pharoux, e dali, na manhã do dia 16 de janeiro, reproduziu três vistas – o Largo do Paço, a Praça do Mercado e o Mosteiro de São Bento. (...) Desde então para cá, isto é, no espaço de 24 anos, a máquina do padre Combes produziu as 30 casas que hoje se contam na capital, destinadas a reproduzir de todos quantos quiserem passar à posteridade... num bilhete de visita. (...) Até onde chegará o aperfeiçoamento do invento de Daguerre? (ASSIS *apud* EDIÇÕES JACKSON, 1955, p. 78).

Muito longe... A fotografia tornava-se assim um símbolo de modernidade e uma marca de civilização para quem a possuía, muito embora sua disseminação só tenha ocorrido a partir de 1900 com o surgimento do cartão-postal no Brasil. Conforme Sússekind (1987, p. 33), essa nova percepção, mediada pelo aparato tecnológico da fotografia e mais tarde do cinema, modificaria a forma acadêmica de se fazer pintura na transição dos séculos.

⁴ Tanto que João do Rio (In: Porto: Chardron, 1909. p. VI), no texto intitulado *Cinematógrafo*, aproximaria, não mais o bonde, como Bilac, mas a própria crônica, da cinematografia, um “cinematógrafo de letras”, centrando-se no processo de aceleração do olhar diante do “delírio apressado” dos tempos. O fragmento “cinematógrafo de letras” deu nome ao livro de Flora Sússekind (*Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*) sobre a influência das técnicas modernas na escritura da época.



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

Se chegaria a influenciar a técnica pictórica do período, não seria diferente com a linguagem escrita, que passou a ser mais ligeira, direta, prenunciando o novo ofício que se afigurava no horizonte: o exercício do jornalismo diário.

A propósito da fotografia usada especificamente para fins jornalísticos, Olavo Bilac (*apud* DIMAS, 1996, p. 165-166), em crônica do dia 13 de janeiro de 1901, publicada na *Gazeta de Notícias*, chegou a temer que o instantâneo fotográfico substituísse cada vez mais o texto, tornando-se uma verdadeira ameaça aos “rabiscadores de artigos e notícias”. Chamando os desenhistas, caricaturistas e ilustradores de “exército rival”, diz que “o lápis destronará a pena” e que no Rio de Janeiro tal revolução já começara, trazendo morte aos cronistas e noticiaristas e opulência aos fotógrafos. E tudo isso, segundo ele, porque o homem do começo do século teria pressa:

O público tem pressa. A vida de hoje, vertiginosa e febril, não admite leituras demoradas, nem reflexões profundas. A onda humana galopa, numa espumarada bravia, sem descanso. Quem não se apressar com ela, será arrebatado, esmagado, exterminado. O século não tem tempo a perder. A eletricidade já suprimiu as distâncias: daqui a pouco quando um europeu espirrar, ouvirá incontinenti o ‘Deus te ajude’ de um americano. E ainda a ciência humana há de achar o meio de simplificar e apressar a vida por forma tal que os homens já nascerão com dezoito anos, aptos e armados para todas as batalhas da existência (BILAC *apud* DIMAS, 1996, p. 165-166).

O cronista lamenta que ninguém mais leia artigos, que os jornais só abram espaço para as ilustrações e que as legendas sejam cada vez mais curtas, ficando com a gravura toda a tarefa de explicar os acontecimentos. Entretanto, reconhece “os benefícios da grande revolução que a fotogravura vem fazer no jornalismo”. E, num exercício de visionarismo que anteciparia em parte o que a televisão viria a realizar, profetiza: “É provável que o jornal-modelo do século XX seja um imenso animatógrafo, por cuja tela vasta passem reproduzidos, instantaneamente, todos os incidentes da vida cotidiana. (...) Demais, nada impede que seja anexado ao animatógrafo um gramofone de voz tonitruosa, encarregado de berrar ao céu e à terra o comentário, grave ou picante, das fotografias”. Já que, conforme o cronista, “as palavras são traidoras e a fotografia é fiel” e “a pena nem sempre é ajudada pela inteligência; ao passo que a máquina



fotográfica funciona sempre sob a égide da soberana Verdade”, o público, imbuído da já citada pressa, não iria mais querer “perder tempo em procurar a verdade dentro deste acervo de contradições e de divergências”, que são as notícias e as crônicas de um jornal (BILAC *apud* DIMAS, 1996, p. 165-166).⁵

Não obstante, se Bilac já considerava lentas as notícias e as crônicas, depositando todo o sentido de movimento na fotografia, Machado ainda veria no jornal o instante pioneiro em que o afã pela velocidade se manifestava numa nova forma de escritura que se acelerava, tal qual bonde elétrico ou trem expresso, para não fazer o homem moderno perder tempo.

Jornal: locomotiva intelectual

A constatação de Machado, mencionada acima, deu-se na sua inflamada – até ingênua – apologia do veículo, publicada no *Correio Mercantil* de 10 e 12 de janeiro de 1859, sob o título “O jornal e o livro”.⁶ Imbuído de uma retórica liberal, o texto discute a relação entre o livro e o jornal e profetiza o aniquilamento do primeiro. Dentre as várias razões para justificar declaração tão grave, cita a demanda do espírito humano por movimento:

A lei eterna, a faculdade radical do espírito humano, é o movimento. Quanto maior for esse movimento mais ele preenche o seu fim, mais se aproxima desses pólos dourados que ele busca há séculos. O livro é um sintoma de movimento? Decerto. Mas estará esse movimento no grau do movimento da imprensa-jornal? Repugno afirmá-lo (ASSIS *apud* COUTINHO, 1959, p. 360).

Depois de considerar o jornal a “reprodução diária do espírito do povo” ou o “espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos”, diz que o livro não está nestas mesmas condições e que haveria algo nele de “limitado e de estreito” quando comparado ao jornal. E mais uma vez retoma a questão do movimento: “Depois o espírito humano tem necessidade de discussão, porque a discussão é – movimento. Ora, o livro não se

⁵ Mas, contrariando a expectativa de Bilac, o público continuaria a “perder tempo” por pelo menos mais algumas décadas, uma vez que o fotojornalismo só ganharia impulso com a revista *O Cruzeiro*, nos anos 50. Antes disso, os laboratórios fotográficos das redações eram quase sempre banheiros adaptados.

⁶ As ideias que este texto de Machado suscita já foram discutidas por mim no artigo “Do livro ao jornal: o texto fragmenta-se na notícia”, publicado na Revista Conexão, em 2010, e que retomo aqui.



presta a essa necessidade, como o jornal. A discussão pela imprensa-jornal anima-se e toma fogo pela presteza e reprodução diária desta locomoção intelectual” (ASSIS *apud* COUTINHO, 1959, p. 360).

A ideia de “locomoção intelectual” faz Machado aproximar o jornal da locomotiva. Para ele, o jornal seria “a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos” (ASSIS *apud* COUTINHO, 1959, p. 360). Algum tempo depois (1909), Marinetti, em seu Manifesto do Futurismo, celebraria a velocidade também fazendo alusão aos transportes automobilísticos como metáfora da simultaneidade: “Nós declaramos que o esplendor do mundo se enriqueceu com uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com seu cofre adornando de grossos tubos com serpentes de fôlego explosivo” (MARINETTI *apud* MORETZSOHN, 2002, p. 33).

Como vimos, a crônica, além de tematizar frequentemente os bondes e os trens no período, refletiria o olhar de quem se desloca por tais veículos: recortado, acelerado, que percorre a cidade, em suma, um olhar de passageiro, um olhar de quem está de passagem. Tal qual a leitura do jornal, os cidadãos só estão presentes de um modo transitório: na cidade que se acelera, todos são passageiros permanentes.

Os veículos de transporte, da mesma forma que o jornal, também fazem parte da cidade moderna e dos novos tempos, em que a velocidade, sobretudo com a tração elétrica, acelera-se sempre em direção ao amanhã, em direção à industrialização e à utopia de um progresso benfazejo, de uma melhora democrática na qualidade de vida dos cidadãos, da repartição das letras (com o jornal) e das vias públicas (com os bondes, *tílburis* e trens). Ambos são sintomas, reflexos do *sensorium* de uma humanidade que almejava o movimento. Uma humanidade que, como vimos com Bilac, tinha pressa. Não é à toa que Machado de Assis tenha dito que os dois maiores acontecimentos “dos últimos trinta anos” (escrevia em agosto de 1893 em comemoração aos dezoito anos de fundação da *Gazeta de Notícias*) teriam sido precisamente o bonde e o jornal, além de ter dedicado ao primeiro, inúmeras crônicas, captando no novo veículo a experiência utópica da velocidade. Como esta, de 1892, escrita uma semana antes da Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico fazer funcionar o primeiro bonde elétrico, em que exalta o veículo como uma grande novidade justamente pelo fato de que iria transportar os passageiros mais rapidamente (ASSIS *apud* GLEDSON, 1996, p. 130). Em outra crônica do mesmo ano,

Machado (*apud* GLEDSON, 1996, p. 136) já teria visto a novidade e conta que o que mais lhe impressionara fora o ar de superioridade do cocheiro: “Sentia-se nele a convicção de que inventara, não só o bonde elétrico, mas a própria eletricidade”. Em seguida, como estava num outro bonde ainda puxado por burros, o autor ouve a conversa dos dois animais. Um diz ao outro que depois do bonde elétrico, ao invés da liberdade, ambos passarão a conduzir carroças, sem direito à aposentadoria e prêmio, e depois serão largados nas ruas até apodrecerem, quando, enfim, virá uma carroça puxada por outro burro e os levará.⁷

Como se vê, a tecnologia na perspectiva machadiana tanto gera progresso quanto promove a substituição das peças que se descartam tal qual “o vapor o há de ser pelo balão, e o balão pela eletricidade, a eletricidade por uma força nova, que levará de vez este grande trem do mundo até a estação terminal” (ASSIS *apud* PAIXÃO, 1994, p. 59).

Jornal: trem expresso

Se para alguns teóricos o jornal estaria em sua “estação terminal”, convém aqui buscar no passado a sua estação primeira, ponto de partida de seu surgimento e a posterior marcha de sua modernização.

Assim como se aceleraram as técnicas dos veículos de transporte para atender ao novo ritmo homem moderno, o jornal também teria que se adequar a essa aceleração.⁸ O primeiro país a adotar esta “corrida para a revolução das técnicas” (SODRÉ, 1977, p. 3) foi a Inglaterra, em 1814, com a utilização da máquina a vapor no *Times* que ampliou a velocidade da impressão para mil exemplares por hora. Os Estados Unidos superariam o país europeu lançando rotativas cada vez mais ágeis: “Reproduzindo ilustrações rapidamente e a baixo custo, pela velocidade na impressão, nos fins do século, as novas máquinas faziam correr rolos de papel com a velocidade de um **trem expresso**

⁷ Mais do que a apologia do progresso, evidente na crônica anterior, Machado esboça aqui um princípio de crítica sobre o destino dos animais, meras peças substituíveis, assim como os escravos, numa Rio de Janeiro que começa a vivenciar as novas tecnologias. Na crônica em questão, o autor não deixa de perceber o descaso com que seriam tratados os “dejetos” (escravos ou burros) de uma evolução tecnológica apenas em seus incios, confirmando a máxima benjaminiana de que o progresso da humanidade é feito à custa de muito destroço (*Angelus Novus*).

⁸ Bilac, em crônica de 1908, comentando a reforma implantada no *Jornal do Comércio*, cuja folha ficara “menor, mais bem paginada, de leitura mais fácil”, diz que de carro de bois o jornal passara a automóvel: “O ‘mastodonte’ é hoje criatura da sua época. O carro de bois transformou-se em automóvel” (BILAC *apud* DIMAS, 1996, p. 180).



(SODRÉ, 1977, p. 6) (grifo nosso).

A periodicidade, a fragmentação dos textos, a velocidade das rotativas, tudo isso torna a alegoria usada por Sodré (e, antes dele, por Machado de Assis) – a de trem expresso – uma imagem bastante adequada. Afinal, um trem expresso move-se mais aceleradamente e tem suas paradas de quando em quando nas estações. As cenas que recorta nas janelas mudam a cada deslocamento nos trilhos e constituem fragmentos do tempo cujo impacto no olhar é cada vez mais efêmero. No jornal, as cenas factuais mudam a cada deslocar de página e costumam ser esquecidas até o fechar do jornal, até a última estação e o derradeiro afastamento entre o leitor-viajante e o veículo condutor: jornal ou trem.

E assim como o trem, que do vapor passou ao elétrico, as prensas, sobretudo as do Rio de Janeiro e as de São Paulo, que eram de madeira, passaram a ser elétricas. O número de tipografias chegaria, em 1910, a mais de cento e cinquenta, o que ampliou a tiragem dos jornais e revistas nacionais e o número de leitores.⁹ Tudo isso promoveu uma melhor qualidade do material gráfico, como documenta Juarez Bahia (1990, p. 166): “Novas instalações tipográficas; rotativas com capacidade para imprimir 70 mil exemplares/hora; linotipos com motor a gás que logo assumirão o revolucionário sistema elétrico; a fotografia que se desenvolve a ponto de chegar à redação para reprodução imediata; e um sistema de gravura que se aperfeiçoa rapidamente”.

Rotativas velozes, linotipos elétricos, reproduções imediatas, sistemas que se aperfeiçoam rapidamente, trem expresso... Movimento. Apesar dos cronistas aqui analisados não terem tido tempo para experimentar toda essa aceleração na evolução das técnicas jornalísticas, intuíram que o afã por movimento já estava sendo gestado na cidade e que o jornal mimetizaria essa nova sensibilidade da massa.

Foi, portanto, no jornal que o registro da prensa humana teve a intenção de um cinema-verdade. Foi no jornal que o sentido de movimento ainda vinha colado ao sentido da palavra impressa no livro e, portanto, seu corpo possui a dialética de quem

⁹ Gilberto Freyre (1974, p. 232) aponta o fim do Império e o começo da República em 1889 como um período de muita leitura de jornais e revistas pela burguesia. Jornais e revistas da época: *Cidade do Rio de Janeiro* (de José do Patrocínio); *Gazeta de Notícias* (de Ferreira de Araújo); *O País* (de Quintino Bocayuva); *Jornal do Commercio*; *A Liberdade* (jornal monarquista); *Correio da Manhã*; *A Noite*; *Revista da Semana*; *Fon-Fon*; *Kosmos*; entre outros.



convive com o velho e o novo muito mais do que as outras formas que abandonaram a escrita para se sagrarem imagem. Analisá-lo sob essa perspectiva é recuperar o instante em que “duas culturas ou tecnologias podem, à semelhança das galáxias astronômicas, passar uma pela outra sem colidirem, mas não sem mudança de configuração” (MCLUHAN, 1977, p. 208).

Os cronistas aqui analisados vivenciaram o instante pioneiro em que o jornal se configurava como nova forma, mas que ainda conservava vestígios do livro, muito embora se movesse cada vez mais ágil pelos trilhos do tempo, atendendo a demanda de um olhar que já se habituava, pouco a pouco, a uma nova velocidade, a uma nova forma de impressão e de expressão. A uma nova pressão.

Excesso de velocidade: um trem que descarrilha

Se o afã pela velocidade causava *frisson* nos primeiros jornalistas não iria demorar para que se notassem os primeiros sintomas de um desgaste nessa experiência. Olavo Bilac, em crônica da *Gazeta de Notícias* de 1895, talvez tenha sido o primeiro cronista a discorrer sobre os efeitos do choque nas grandes cidades e do excesso de velocidade na própria psique do jornalista. Chamando tal profissional de “homem-multidão”, investiga os caminhos que estariam levando este “filho de Gutenberg” a abdicar de “ter papilas nervosas na sua grossa pele de pedra e ferro”, a tal ponto que os acontecimentos passassem por ele “como as rajadas do vento passam por cima das rochas vivas sem que as enruguem nem abalem” (BILAC *apud* DIMAS, 1996, p. 149-153). Para ser “como as engenhosas máquinas americanas de escrever”, o jornalista, na opinião do autor, precisou pagar um alto preço: tornou-se o profissional que mais freqüentava os consultórios de moléstias nervosas da época:

Quando entrardes num desses consultórios e virdes um homem, no meio da sala, firmando-se no chão com um pé só, olhos fechados e braços abertos no ar – podeis desde logo assegurar que é um jornalista neurastênico em que se procura verificar a existência do sinal de Romberg (BILAC *apud* DIMAS, 1996, p.).

A anestésica tornou-se uma técnica sofisticada na segunda metade do século XIX, e, portanto, neste período da crônica de Bilac, e visava a combater a “neurastenia”,



doença causada por excesso de estímulo decorrente do trabalho, do desgaste da vida moderna, dos acidentes ferroviários etc. (BUCK-MORSS, 1996, p. 24-25). O próprio Bilac faz alusão a um acidente de bonde que teria desencadeado a tal “moléstia nervosa” no jornalista:

O jornalista X, bem-dormido e bem almoçado, sai de casa, a caminho do seu jornal. Toma um bonde elétrico. Abre todas as folhas e começa a ler. Já essa leitura principia a desorganizar-lhe o sistema nervoso. Em meio da viagem, o bonde elétrico (não fosse ele elétrico!) reduz a pó impalpável o corpo de um transeunte. X toma do lápis e registra o fato: e já é seu próprio corpo de jornalista que sente a dor terrível do **despedaçamento...** (grifo meu).

A “dor terrível do despedaçamento” que sente o corpo do jornalista ao ver o corpo despedaçado do transeunte ilustra uma das metáforas para a neurastenia: nervos “feitos em pedaços”.

Hoje, em tempos virtuais, em que a notícia deve ser o mais “despedaçada” possível para que seja veiculada tão rapidamente quanto um bonde elétrico (“não fosse elétrico!”) ou um “trem expresso”, a psique do jornalista estaria sofrendo um abalo sem precedentes e a percepção pioneira de Bilac sobre o homem multidão dos começos do século XX atinge sua faceta mais agônica. A pressa elevada à categoria de valor acelera também a desilusão no exercício da profissão a tal ponto que o que se costumava chamar no meio de “crise dos 40 anos” avança inexoravelmente para a “crise dos 30 anos”.

Uma pesquisa recente feita pelo psicólogo, professor e pesquisador da Faculdade de Educação da Unicamp e da Fundação Getúlio Vargas, Roberto Heloani, revela por que os jornalistas estão adoecendo como nunca.¹⁰ Heloani ouviu dezenas de profissionais de jornais, rádio, TV, jornal impresso e assessorias de imprensa de São Paulo e Rio de Janeiro e detectou uma “jovialização” da profissão devido ao ritmo frenético imposto pelos novos modelos empresariais. A jornada de trabalho, que pela lei deveria ser de 5 horas, nos estados pesquisados chega a 12 horas.

¹⁰ As considerações de Roberto Heloani foram tiradas do artigo “Por que os jornalistas estão adoecendo mais”, de Elaine Tavares, publicado em 24 de agosto de 2010 no Observatório da Imprensa.



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
contá ou não conta"

Evidentemente, há diferenças de ritmo, conforme o tipo de veículo para o qual se trabalha. Mas o importante será perceber como a lógica do 'tempo real' afeta a prática do jornalismo como um todo, radicalizando a 'corrida contra o tempo' que sempre marcou a profissão. Mais ainda: que as exigências do mercado financeiro, e de quem nele atua, passam a ser o relógio do noticiário em geral (MORETZSOHN, 2002, p. 130).

O medo de perder o emprego também seria outro fator de estresse e, segundo o pesquisador, o jornalista estaria sempre às voltas com um "plano B", o que causaria muitos danos à sua saúde física e mental. Os Acidentes Vasculares Cerebrais (AVCs), o fenômeno da morte súbita, o aumento da dependência química, a síndrome do pânico, a angústia e a depressão aumentam assustadoramente na profissão. Segundo Heloani, 80% dos profissionais pesquisados têm estresse e 24,4% estão na fase da exaustão, o que significa que de cada quatro jornalistas, um está sofrendo por conta da enorme carga emocional e física causada pelo trabalho. Diante deste quadro, a maioria dos entrevistados não ultrapassa a barreira dos 20 anos de profissão. Segundo Moretzshon (2002, p. 137), a sobrecarga seria ainda maior com a incorporação dos serviços *on line* pelos grandes jornais, uma vez que obriga o repórter a fornecer *flashes* para o serviço "em tempo real" do jornal e, quando for o caso, para boletins radiofônicos.

E todo esse furor da pressa, da urgência, da disputa pela notícia em "primeira mão" que afeta tanto a prática profissional quanto a saúde do jornalista contemporâneo teve seu instante pioneiro na retórica do movimento profetizada pelos nossos primeiros cronistas.¹¹ Foram eles que sentiram pela primeira vez o que o surgimento do ciberespaço realizaria em escala global na comunicação moderna: que "a informação só tem valor pela rapidez de sua difusão, ou melhor, *a velocidade é a própria informação!*" (VIRILIO *apud* MORETZSHON, 2002, p. 125) (grifos do autor).

Referências

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**: história da imprensa brasileira. 4^a ed. São Paulo: Ática, 1990.

¹¹ Os desdobramentos dessas considerações preliminares, e que demandam mais aprofundamento, serão mais detalhadamente estudados por mim durante o atual percurso da minha pesquisa de pós-doutoramento junto ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC.



BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a. Obras escolhidas; v. 1.

_____. **Rua de mão única**: obras escolhidas volume II. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b.

BUCK-MORSS, Susan. Estética e anestésica: o 'ensaio sobre a obra de arte' de Walter Benjamin reconsiderado. **Travessia**: revista de literatura, Florianópolis, n. 33, p. 11-41, ago./dez. 1996.

COUTINHO, Afrânio (org.). **Machado de Assis**. Obra Completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959. v. 3.

DIMAS, Antônio (org.). **Vossa insolência**: crônicas / Olavo Bilac. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Edições Jackson das **Obras Completas de Machado de Assis**. Crônicas (1864-1867). São Paulo: Brasileira, 1955.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

GLEDSON, John (edição, introdução e notas). **Bons Dias!** crônicas (1888-1889) Machado de Assis. São Paulo: Hucitec, 1996.

MCLUHAN, Marshal. **A galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. 2ª ed. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

MORETZSHON, Sylvia. **Jornalismo em tempo real**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

TAVARES, Elaine. Por que os jornalistas estão adoecendo mais. **Observatório da imprensa**, São Paulo, n. 604, ago. 2010. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br>. Acesso em: 22 jan. 2014.

PAIXÃO, Fernando (org.). **Crônicas escolhidas**: Machado de Assis. São Paulo: Ática, 1994.

ROMANO, Vicente. **El tiempo y el espacio en la comunicación**: la razón pervertida. Hondarribia [Guipúzcoa]: HIRU, 1998

SANTOS, Jeana L. da C. Do livro ao jornal: o texto fragmenta-se na notícia. **Conexão**: comunicação e cultura, Caxias do Sul (RS), v. 8, n. 16, p. 77-78, jul/dez 2010.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras**: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.